

## 24 - ACCÃO PEDAGÓGICA



## INTRODUÇÃO

A Universidade está inserida na realidade portuguesa caracterizada por uma divisão fundamental em duas classes com interesses opostos. Uma delas é explorada pela outra que detém os meios de produção -- a burguesia.

A necessidade de uma melhor organização do poder económico e do campo fundamental de interesses que lhe estão associados, é um dado indispensável, de carácter histórico, para a detenção do poder político.

A Universidade surge, neste contexto, como uma instituição necessária ao funcionamento do sistema capitalista e a sua função é preponderantemente formação de quadros técnicos habilitados para garantir a rentabilidade máxima das empresas e a maior eficácia das instituições públicas. Assegura-se desta forma o modo mais racional do funcionamento do sistema e também a renovação constante dos quadros a diferentes níveis, o que vai permitir a existência, em cada momento, de uma capacidade de resposta que não deixa quebras no domínio da situação.

Esta é uma matriz mais ou menos geral da situação e só um aprofundamento desta problemática levaria a uma procura melhor das razões e implicações últimas do sistema.

Até aqui, no entanto, o sistema sócio-político vigente em Portugal não tem conseguido imprimir directamente à Universidade um funcionamento tal que lhe permita a ligação mais sólida com as necessidades produtivas dos monopólios. Na realidade, a base de sustentação do sistema contém em si contradições e não pode comportar muitas das exigências que lhe põe o desenvolvimento geral dos monopólios.

Actualmente, existe um tempo de mudança, tempo em que as coisas dizendo respeito às empresas são para uma renovação de processos no sentido do desenvolvimento económico e, por consequência, para uma mais profunda exploração do trabalho da maioria.

Acompanhando isso, a Universidade passa também por uma fase de viragem nas concepções do sistema.

De qualquer maneira, devemos ter em atenção que a realização dessa viragem não é automática; existem dentro da Universidade resistências a vencer. Desde uma mentalidade cristalizada em torno de concepções que já não correspondem às necessidades actuais do sistema até problemas como falta de professores, insuficiência de cursos e sua caótica programação, métodos pedagógicos anacrónicos (basta lembrar o que se passa com os exames -- correlação última da pedagogia tradicional, aulas teóricas, de laboratório), falta de verbas, falta de instalações (veja-se o actual problema da falta de salas)...

..... E existimos nós, os estudantes.

Existe como já se referiu todo um enumerar de problemas; qualquer solução é em última instância comportada pelo sistema, ele próprio procura que não haja falta de salas, de professores, de verbas (la guerre... la guerre... toujours la guerre), etc.

Quando tudo isso tiver sido resolvido, ele estará no melhor dos mundos: reorgitam técnicos, brotam administradores, pululam intelectuais que lhe garantem, como vimos, a sua máxima rentabilidade.



A nós, estudantes, interessa-nos que isso aconteça? Ou haverá novos caminhos construídos por nós próprios?

E esse o mundo que nos interessa? Ou queremos agir para a transformação da sociedade?

Podemos atacar o problema da falta de salas, de verbas, de professores, mas sem perder a perspectiva de que a solução não se encontra nas reformas vindas de qualquer parte e só na transformação profunda e total da sociedade. A Universidade é o nosso campo, Cabe-nos o papel activo, dentro dela para essa transformação.

## REFORMA DO ENSINO

A viragem política (Setembro de 68) trouxe consigo a tão falada solução de toda a anarquia chamada reforma do ensino. Nomearam-se professores de "indutível neutralidade" (Sedas Nunes, Mário Murteira, Miller Guerra, ...). Essa comissão teve uma vida particularmente agitada. Andou de posse em demissão, de demissão em posse. Parece que o motivo dessas passeatas era um certo pudor desses senhores em participar num trabalho para o qual os estudantes não eram "ouvidos" (já não falamos em serem eles os verdadeiros executores...). De qualquer maneira, no fim de contas a comissão regressou ao trabalho e fala-se agora da saída breve das suas conclusões.

E uma responsabilidade enorme aquela que temos no que diz respeito às posições, interpretações e normas de acção que provenham do trabalho dessa comissão. Indicivelmente há que enfrentá-la em bloco, contestar-lhe a totalidade dos pontos de vista e finalidades programáticas.

## GRUPO DE TRABALHOS DA F. C. L.

E também, embora indirectamente, um feliz acontecimento proveniente da viragem "Setembro-68". Proveio da ampliação de um pequeno grupo de professores que se reuniam sem estatuto legal feita pelo Conselho Escolar e com o acordo geral dos processos de "liberalização". A sua função declarada era de servir de fonte de consulta à comissão de triste realidade, falada atrás, para a compilação dos dados relativos à nossa faculdade e a inserir no conjunto geral de tão "habilitada" comissão.

Poderíamos chegar, com isto, à fácil ilusão de que, finalmente, os professores se iam organizar em defesa dos seus interesses e em acções comuns ou (e) paralelas. Também se poderia criar a ilusão de que, finalmente, ainda, teríamos obtido uma instância de cogestão, com tudo o que isso implica.

Hoje estamos em posição para podermos medir com carácter realista o verdadeiro sentido e dimensão do grupo de trabalhos. E não temos dúvidas de que a sua vida foi, e é, totalmente condicionada pelo vício de nascimento. Em todo o caso, isso depende dos professores que nele viram certas possibilidades de acção. E assunto que nos deverá merecer muita atenção, sobretudo devido aos laços que, directa ou indirectamente, o grupo de trabalhos tem com a comissão para a reforma do ensino.

## SOBRE O TRABALHO PEDAGÓGICO

As contradições ligadas ao ensino assumem uma importância particular. São as mais flagrantes e imediatas contradições da Universidade onde vamos viver do diariamente uma parte importante do nosso quotidiano.

Os problemas pedagógicos levantam-se a múltiplos níveis. Desde a falta de



condições técnicas (salas, equipamentos, verbas...) até questões muito mais fundas ligadas com a própria pedagogia a que somos sujeitos e as relações humanas que o ensino produz.

Todo o nosso ensino nos reduz a uma posição passiva de meros consumidores. Todo o ensino actual se baseia na memorização dos conhecimentos reprimindo a nossa capacidade de criar e de investigar as soluções para os problemas postos. Somos obrigados a aceitar sem discussão um programa e um método de ensino que não prevê nenhuma actividade crítica nem nenhuma decisão nossa. Todo o anacronismo e repressividade da pedagogia da Universidade nos aparecem acumulados nos exames que no fim de cada ano, eliminam a grande maioria dos estudantes com os seus processos.

x

O trabalho pedagógico, como as outras actividades estudantis, deve orientar-se no sentido de permitir aos estudantes uma atitude de responsabilidade, participação activa e consciencialização cada vez mais aprofundada das contradições com que se defrontam.

a) As contradições que surgem ao nível pedagógico, pelo seu carácter imediato, permitem às amplas massas de estudantes uma primeira forma de organização, e uma primeira forma de consciência que são o ponto de partida para uma primeira experiência de participação activa em trabalho de grupo.

Só com esse mínimo de organização, mesmo que se processe a partir de problemas rudimentares, é possível um trabalho de investigação, de discussão, de crítica e de acção transformadora que faça desenvolver-se uma consciencialização progressiva desses problemas elementares do quotidiano, consciencialização que permita uma visão cada vez mais global do significado destes problemas e sua particular inserção na globalidade dos problemas do país.

b) É evidente que os problemas pedagógicos não se resolvem ao seu nível, nem são factos isolados entre si mas, pelo contrário, são um dos aspectos particulares de contradições mais gerais inerentes à própria organização do ensino, da Universidade e do contexto social, político, cultural em que esta existe.

Portanto, a actividade dos grupos que se constituam ligados com as próprias aulas e os seus problemas, não pode ficar isolada, não pode fechar-se sobre a sua própria experiência local virada para aspectos particulares e rudimentares com que tantas vezes são apresentados na sua feição inicial e que correspondem ainda a formas de consciência também rudimentares da nossa parte.

Isto implica que haja uma ampla troca entre os vários grupos que se organizem na faculdade no sentido de comparar experiências e sua unificação em torno de objectivos gerais.

Todas as formas de organização que assumam a acção pedagógica devem, portanto, ser flexíveis e abertas, sujeitando-se permanentemente a uma renovação de processos e à participação crítica de todos. Temos que nos esforçar permanentemente para alargar a base com que contamos e trabalhar para que os resultados a que chegemos, as suas conclusões provenham dum amplo debate e informação das mais vastas camadas de estudantes reunidos dentro ou fora dos locais de ensino.

c) Um ponto importante a focar é a necessidade de que os grupos se organizem tenham vida própria e sejam capazes de sobreviver e ultrapassar os problemas iniciais que estiveram associados ao seu nascimento. Muitas vezes, tem acontecido uma movimentação nas turmas devida a qualquer problema surgido ou uma iniciativa tendente a fazer um estudo crítico de algumas questões ligadas aos cursos (materiais, tipo de exame, etc) que morrem sem ultrapassar as premissas com que nascem ficando o seu trabalho sem consequências e uma profunda frustração.

Portanto, a acção pedagógica a desenvolver, se quiser ultrapassar o do-



mínio de mera conjuntura, deve basear-se num esforço de investigação e aprofundamento das questões à volta das quais nasceu e deve encontrar em cada momento formas que lhe permitam uma ultrapassagem das etapas anteriores de modo que os núcleos de organização não morram depois de um período mais ou menos curto de actividade.

Para encontrar razões e objectivos que justifiquem a sua sobrevivência e desenvolvimento os grupos de estudantes não podem limitar-se a uma atitude de crítica da universidade nos seus diversos níveis. A nossa actuação deve assumir uma forma criadora. Não basta criticar o ensino, a cultura, ou o seu contexto. Precisamos de definir novas formas de realização. Concretamente no campo pedagógico temos que ser nós a definir e a pôr em prática uma nova pedagogia, uma forma activa de aprender. Trata-se pois de tentar criar actividades, construídas pelos próprios estudantes, a todos os níveis desde um novo tipo de ensino às realizações culturais em que temos que investigar e experimentar soluções que, só nós podemos criar.

#### C. E. C.

O centro de estudos científicos é um órgão da A. E. F. C. L., que pela sua especificidade entendemos ser necessária uma explicitação do seu papel.

Dentro dos princípios norteadores do trabalho estudantil, que se encontram indicados ao longo edeste programa, só podemos conceber a sua acção nos seguintes moldes:

1 -- O nível de decisão do CEC centra-se no nível de decisão geral de todos os colaboradores da Associação, e não como estrutura paralela, autónoma, desligada de todas as relações de trabalho da Faculdade.

2 -- O trabalho aí desenvolvido só pode assumir significado desde que se encontre directamente relacionado e motivado pelo trabalho desenvolvido e a desenvolver na Faculdade.

#### EM CONCLUSÃO

De tudo o que ficou dito resulta a necessidade de se desenvolver um trabalho estudantil que não se limite ao estudo e à crítica da Universidade.

Precisamos de saber definir a todos os níveis, os nossos objectivos, a nossa linha de actuação, de forma autónoma, desde o nível pedagógico ao nível social.

Todo este trabalho deve permitir uma ampla participação activa de todos os estudantes. Só assim pode ser concebido o trabalho estudantil e em particular o pedagógico.